VALMIR MORATELLI





© Valmir Moratelli 2018

Editor: Rafael Heidt Martins Trombetta

Revisão: Augusta Ketzer Capa: Humberto Nunes

Fotografia da capa: João Fros/ W Talents

Editoração: Cristiano Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M831d Moratelli, Valmir

Diálogos para santos cegos: contos na era fake news / Valmir Moratelli

1. ed. | Porto Alegre, RS | Liquidbook, 2018.

160p. | 21 cm

ISBN 978-85-61797-30-0

1. Literatura brasileira 2. Contos. I. Título.

2018-1472 | CDD: 869.8992301 | CDU: 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Contos 869,8992301

2. Literatura brasileira: Contos 821.134.3(81)-34



VALMIR MORATELLI





SUMÁRIO

7 | Eram os deuses roteiristas? 16 | Os carismáticos 20 | Conquistador 32 | #entrandonapersonagem **35** | Dublador 2.0 40 | Identidade geográfica 45 | Na vila das almas desprotegidas **56** | Diálogos para santos cegos 60 | A vida se fala no futuro do pretérito 64 | Galeto com farofa 76 | Teste do sofá 83 | Como se vestem os velhos 99 | Meu esmalte combina com teu fuzil 105 | Buscando mamãe 114 | Crime tutti-frutti 119 | Quando eu te der meu silêncio 123 | Bundalelê aí ó

Uma entrevista

126 | A última cabra de Canaã



ERAM OS DEUSES ROTEIRISTAS?

Diariamente, às nove e quarenta e cinco da noite, seu ritual consistia em sentar-se no canto esquerdo do sofá, esticar as pernas sobre a mesinha de centro, esconder o roteiro atrás das almofadas, pegar o controle remoto e ligar a TV. Diante de seus olhos, o reflexo de si mesmo. Um espelho de sua vida passava através de uma tela. Era assim a vinheta que dava início ao programa mais longínquo e popular da televisão.

Depois de enxergar-se refletido na tela repousada sobre a estante dois metros adiante, ele largava o controle para o lado. Era assim todo dia. Seu semblante cansado já demonstrava o desgosto dos dias vindouros. A idade não mais o perdoava. Há um momento quando todo mundo passa a pensar no tempo como se este tivesse uma estranha solidez, já não mais feito da soltura de areia desfeita entre os dedos, mas de algo petrificado nas mãos, enrijecido a ponto de ser possível seu toque, pesado até. A idade... E veio um suspiro ao desfazer-se dessa vez do controle remoto, como não houve em nenhuma outra vez. Os telespectadores, até os mais desatentos, perceberiam o caco da cena. E ele falou baixinho, quase sussurrando. Ou não falou nada, ou apenas disse com seus olhos, ou disse com suas rugas para si mesmo, ou disse com seu bafo para dentro de seu peito, ou foi o que se deduziu: "O programa precisa de um fim". Esta frase nunca pareceu tão firme como agora.

Nos últimos anos, é verdade, Davi não pensou que pudesse contar as horas finais do programa que fez sua vida. Seria o mesmo que morrer. E era isso que talvez estivesse acontecendo diante de todos há algum tempo. Deu-se conta da solidez da areia.

Davi Máximo cresceu dentro de um programa de televisão. Sua história confundia-se com a do personagem de quem o público aprendeu a gostar. Não, o público já gostou logo de cara, e sua história nunca existiu. Só existiu desde sempre a história de John-John Pilotis. Pergunte a qualquer um que acompanhou o seriado de maior prestígio neste país. A impressão que tinha é que nasceu diante das câmeras.

John-John Pilotis ainda era moleque. Não tinha cores. Mas era moldado em todas as nuances da carioquice malandra de quem via nascer o primeiro ídolo em um, vá lá, cubo mágico. Como era mesmo o nome do seriado? Não importa. O que importa é que John-John Pilotis aprontava. E como aprontava aquele moleque! Era o mais levado dos cinco irmãos de uma família do subúrbio do Rio de Janeiro. O pai era comerciante e a mãe, dona de casa. A sinopse da história girava em torno do cotidiano de uma típica família que passava as agruras do convívio com vizinhos ora solidários ora fofoqueiros, da falta de luz no verão, de enchentes, trânsito no caminho para a praia no final de semana, manobras para esticar o salário no final do mês, dificuldades de fazer os meninos passarem de ano, além de todas as atividades corriqueiras de uma família dita normal. É feijão que queima, arroz que ficou caro, inflação que dispara, roupa no varal e chuva que vem vindo, o marido com mancha de batom na gola, filho com febre que não passa...

O seriado fez tanto sucesso por tanto tempo, dizem os catedráticos em seriados, porque mostrava o que as novelas não mostravam: a vida real nua e crua. Em seguida viria o *reality show*. E ponderaram substituí-lo. John-John Pilotis, que cresceu tendo as câmeras como espelho, logo perceberia que era hora de sair de cena.

John-John Pilotis tinha esse nome porque passava a maior parte do seriado brincando no pilotis do prédio do vizinho. Era o único prédio da rua. Isso nos anos sessenta, um avanço para o subúrbio que alinhava-se em ruas de casas e quintais com árvores tomadas de frutas. Os pais de John-John eram fanáticos pelos Beatles, tanto o pai quanto a mãe. Duas vezes fanáticos. Principalmente por Lennon. Por isso John-John. Davi Máximo foi o único ator a chegar ao final do programa, passando por to-

das as reformulações, reestruturações, mudanças de emissoras, compras de direitos autorais, trocas de elenco e direção, reescalação de equipe... Isso porque o público o idolatrava. Tinha uns cem mil fã-clubes. O sucesso do programa, isso sim, se devia também ao seu carisma. Depois que já não tinha mais idade para interpretar um moleque travesso que aprontava com a turma da rua, John-John Pilotis não teve suas espinhas disfarçadas pela equipe de maquiagem. Pelo contrário, sua puberdade foi valorizada nos roteiros do seriado, que pediam menos cenas com meninos e mais cenas com meninas.

Até que deu seu primeiro beijo na vida. Diante das câmeras. Apaixonou-se pela atriz. A personagem da Diná. Que bela atriz! Uma cena linda. Debaixo da chuva... O fundo musical era Something. E na voz de Harrison!

"I don't want to leave her now You know I believe and how"

O público apostou naquele casal. A cada novo episódio, John-John Pilotis ganhava mais destaque. E não tardou para acontecer a primeira noite de amor entre ele e Diná, dentro de um fusca amarelo abandonado no pilotis onde morava a moça. Um escândalo para a época. Muitas famílias protestaram na porta da emissora. O programa ficou um mês sem ir ao ar. A direção reuniu-se e os roteiristas imediatamente encontraram uma solução: uma passagem de tempo. Os personagens voltariam alguns anos mais velhos. Três, quatro anos. John-John Pilotis já teria 21, portanto. Homem feito, pronto para casar, assumir responsabilidade e virar chefe de família. Na primeira cena, ele entra na casa dos pais de Diná e pede a mão de sua filha em casamento. Foi quase a mesma comoção da final da Copa de 1970.

Mais um ano e o país viu John-John ser pai de seu primeiro filho, Bentinho, em uma clara homenagem a Dom Casmurro, que ele tanto levava embaixo do braço enquanto ia para a repartição pública no Centro da cidade. Nunca aparecia lendo uma página do livro, mas ajudou a popularizá-lo nas escolas. Ele conseguiu este emprego graças a um conhecido de seu pai, que o auxiliou com uma carta de recomendação no banco do governo. Nessa época, os pais de John-John Pilotis já eram outros atores em cena, mais idosos. Dois outros atores que interpretaram seus irmãos foram trocados por problemas com a Censura Militar. Eram anos complicados no país. O texto não permitia improvisação. E Davi Máximo continuava firme no elenco.

Da noite para o dia, de um capítulo para outro, Diná teve que ser substituída. Não apareceu para gravar. John-John desesperou-se. Sua mulher simplesmente sumiu. Foi chamada para depor e não voltou mais. A direção lhe chamou, explicou que o programa não podia parar, o país não podia parar, o seriado movia o coração aflito das pessoas, John-John era o sopro de acalanto que chegava à casa de milhões e milhões de brasileiros... Ele concordou com a nova Diná que lhe impuseram. Ninguém mais falou naquilo.

John-John Pilotis gravou no dia seguinte com sua outra esposa, não, com sua mesma esposa, com outra atriz fazendo o mesmo papel. Beijou-a, não era o mesmo beijo, não era a boca com a qual aprendera a beijar anos atrás, não era a sua Diná, mas era preciso acreditar que fosse, pelo bem de sua Diná, pelo bem do país, que assim fosse, e seguiu adiante. Deu verdade àquilo. Houve estranhamento nas primeiras vezes que a nova Diná aparecia, mas logo John-John tratou de dar sua verdade a tudo.

Diná surgiu grávida. Mais um filho. Seu segundo menino, Brás Cubas. À época já trocara de livro. Era disso que aquela família precisava para alegrar o ambiente. Algumas reformulações foram sendo feitas pelo caminho. Os irmãos de John-John Pilotis, por exemplo, que tinham todo sentido de existir enquanto crianças, já não participavam ativamente do seriado. Sumiram de cena. O núcleo agora era outra família. Os roteiristas perceberam que o público estava mudando, precisavam mudar também. Chegaram os anos oitenta.

Diná passou a tomar pílula. Ouvia-se rock nacional nas alturas em casa. Na mesa de jantar discutiam o alto preço do tomate, do arroz, da carne, discutiam qualquer coisa que antes não podiam discutir. O país voltou a poder discutir livremente. As discussões passaram a ser mais corriqueiras a cada episódio. O tom banal deu lugar a um ar sombrio. John-John chegava tarde, com olheiras, bafo de cachaça. Diná não perdoava. Discussões... O país assistiu inquieto ao episódio em que eles se separaram. Falou-se de desquite na televisão e da mulher no mercado de trabalho. Como Diná até então não tinha qualquer função além de cuidar do fogão, deram-lhe um giz e um caderno. Apareceu certo dia com a função de professora. Disse que tinha formação, mas nunca exercera. E ficou por isso mesmo. Chegara a hora de ganhar a vida.

John-John Pilotis mudou-se para um quarto-sala na Lapa, zona boêmia da cidade. Entregou-se ao jogo do bicho, à sinuca, à cerveja, à malandragem, às putas. O público não gostou. Torcia por uma reconciliação. Aquele casal era amado pelo povo. O povo viu o romance nascer ainda na puberdade. Não perdoaria um final que não fosse "até que a morte nos separe". Músicas de Roberto Carlos embalavam a solidão do protagonista no fétido cubículo matutando a amada. Queria voltar, não tinha coragem, mas queria voltar.

A cena da reconciliação, episódios depois, rendeu ótimos índices de audiência. Ele estacionou um fusca amarelo na porta de casa e buzinou. Diná apareceu. Eles se beijaram. Ele a levou para dentro do carro. As janelas logo ficaram embaçadas. E sobe a música de uma dupla sertaneja. Os sertanejos reinavam naquele momento. Lá lá ri lá rá...lá lá... Chovia demais. A rua inundou. O veículo por pouco não foi junto com o lixo que descia desenfreado ladeira abaixo. Apesar da trilha do roteiro, John-John contrariava a todos cantarolando:

"We all live in a yellow submarine Yellow submarine, yellow submarine..."

No dia seguinte, durante o café da manhã, John-John estava eufórico, queria contar sobre seu projeto para a família. Pediu que a mulher acordasse os garotos. Vieram todos, ainda sonolentos. O dinheiro na poupança, guardado há tanto tempo, economia da família, herança deixada pelos avós, enfim permitiria que eles comprassem uma nova casa. Na zona sul, perto da praia. Deixariam o subúrbio!

Bentinho e Brás Cubas fizeram festa, se abraçaram, pularam e rodopiaram no ar. Diná, no começo, titubeou. Não gostou da ideia de mudar-se. Sempre moraram ali. Não via motivos para mudança repentina. John-John justificou que seria melhor para as crianças, que logo iriam precisar de bons colégios, faculdade, essas coisas. Mudar de vida é sempre bom... Ela sorriu. E todos se abraçaram. Brindaram com a garrafa de refrigerante que estava sobre a mesa. Patrocinador do seriado. Estes momentos de felicidade em família são perfeitos para o anunciante.

Um plantão extraordinário cortou a programação da TV ao fundo da cozinha: as cadernetas de poupança foram confiscadas pelo governo.

Um silêncio abrupto meteu-se no cenário. Ninguém disse mais nada. Não havia roteiro para aquele dia. E mesmo que quisessem improvisar, todos estavam sem chão. John-John chorou seco, sem lágrimas. Sua vontade era falar um palavrão. E falou. Puta que pariu! Isso antes de cortarem para os comerciais.

John-John e família mudaram-se para a zona sul vinte anos depois. Reergueram-se após vários planos econômicos. Não foi fácil. Bentinho, está na faculdade de medicina. Brás Cubas não sabe o que quer. Dia desses pediu para o pai pagar-lhe um intercâmbio no exterior. O pai não paga enquanto ele não decidir o que quer da vida. Direito, física ou *design*. É preciso foco. O mais velho está namorando, o mais novo só tem amigos "estranhos". O mais velho chega cedo, se alimenta direito, tem notas boas, fala baixo, não dá trabalho, ajuda em casa, não bebe. O mais novo colocou *piercing*, fez duas tatuagens, discute sobre cotas do Enem, ilude-se com todos os partidos políticos, vai para balada e volta de olhos vermelhos, conta que preza o po-

liamor, quer ganhar dinheiro como *youtuber* sem nem explicar o que é um *youtuber*, diz que tem milhares de seguidores nas redes sociais e acha isso o máximo... John-John ouve calado, perdido, os filhos falarem de suas vidas tão diversas, enquanto Diná ri de tudo. Ele anda cada vez mais avoado no roteiro. Assovia *Hey Jude* melancolicamente.

"Hey Jude, don't make it bad Take a sad song and make it better..."

Nunca foi de esquecer textos. Sua memória era motivo de inveja no elenco. De uns tempos para cá ele andava trazendo no olhar a perdição de suas cenas. Já não sabe mais a marcação exata das câmeras. Fica de costas no momento que precisa estar de frente. Repete as cenas sem a mesma emoção. Sabe que algo não vai bem no set. Só que ninguém teria coragem de reprimi-lo. Nem ele mesmo seria capaz de conter seu ímpeto interpretativo. É como se, ainda guiado por um roteiro, John-John se enfraquecesse pelos que detêm o direito de suas falas. John-John está ausente de si mesmo. Falando sozinho pelos cantos da casa, procurando saídas para um labirinto... O protagonista não sabe no que vai dar essa história.

Ao invés de rezar aos céus, juntou as duas mãos, foi ao oratório no canto da sala de jantar e ajoelhou-se. Pediu à graça divina dos roteiristas que lhe devolvesse a misericórdia dos bons tempos de estrelato. E amém. Aquilo arrancou boas risadas na turma dos bastidores. É difícil prever quando John-John está brincando e quando fala sério. Só que pelas súplicas dirigidas ao altar, o papo foi seríssimo.

O último episódio é uma metalinguagem. Sem a tradicional vinheta no canto do sofá. Começa já com John-John pensando alto, antes de entrar no set... Ele está com um semblante deveras preocupado sobre o programa "que, até aqui ia muito bem, mas que agora está avançando para um campo minado". Olha para a lente de uma câmera desligada que reflete seus cabelos brancos e percebe-se nela, ainda que desligada, ele está nela. A câmera o vê. Suas rugas estão ali. Ele as enxerga. Como nunca as viu? Há quanto tempo estão em camadas sobre seu rosto? De repente, olha para os lados e parece não se reconhecer mais em cena, não mais se encontra no seu lugar de origem, onde criou a vida toda sua história e fez sua própria vida.

Tem uma tonteira momentânea. Ampara-se na poltrona do cenário, senta-se e respira fundo. Acha que está morrendo. Vê as luzes piscarem freneticamente. Não tem ninguém à volta. Ou tem? Que lugar é aquele? Quem é ele? Não tem respostas. Por um instante já não sabe o seu papel. Vem um contrarregra e lhe entrega o script da próxima cena. Explica o que tem a fazer. Gravação em cinco minutos. Dois takes. Ele ouve atento. Faz algumas perguntas. É estranho. O fato de ter que fazer perguntas indica que há algo de errado. Sempre, desde sempre, esteve absolutamente confortável em seu papel. Ele foi criado naquele papel. Ele é aquele papel. Não há o porquê de ele ter que fazer perguntas. É como ter que fazer terapia dentro de uma terapia. Pede um minuto. Precisa falar com os roteiristas do programa. Mas roteiristas não ficam em cena, não ficam no estúdio. Alguém diz que atores não podem falar com roteiristas. "Por quê? Por quê? Os roteiristas são o quê? Deuses?", ele esbraveja, em momento de fúria, jogando seu script para o alto. Vai para o camarim. Que não é um camarim, mas seu quarto, o quarto no qual se deita toda noite com Diná. Fecha a porta, sem dar-se conta de que não há quarta parede do estúdio, só um vão tomado por câmeras tal como o teto, por refletores. Deita-se no canto esquerdo da cama e chora. Está inconsolável, dominado por uma angústia que só agora vem à tona.

Alguém chama Diná. Ela logo entra em cena, de avental e tudo, largando as panelas no fogo. Traz um copo de água com açúcar em uma bandejinha. É mesmo sua amada Diná? John-John não a reconhece. Diná pede que se acalme. Puxa a coberta e lhe dá um beijo na testa. Sussurra baixinho em seu ouvido: "Acabou". Em seguida sobem os créditos.

...

Ele dorme um sono profundo. Já tiraram os cenários. Não há mais nada ao redor, mais ninguém por perto. Apenas ele sobre a cama, recolhido de lado, iluminado por um canhão de luz central. Ouve-se um passo. Não, é um martelo. Obra, talvez. Martelo em madeira. Serrote. Vem uma parede, e depois outra. Dois homens trazem duas paredes. Imensas, a ponto de não se perceber quanto têm de altura. Forma-se um cômodo. Uma das paredes tem janela. Os homens se vão. Ele ainda dorme. Ouve-se mais passos. É uma mulher. Assim como os homens, veste um macação cinza. Tem ferramentas no bolso frontal. Traz uma chave de fenda na mão. Desaperta os parafusos da cama com extrema facilidade. Ele se mexe com o desequilíbrio do colchão. A cama começa a se mover. Antes que caia, ele desperta. Os outros homens já voltaram ao quarto. Trazem móveis novíssimos, cortinas, um tapete e vaso com flores para a cabeceira. Ele ouve um som instrumental, mas não sabe identificar quais instrumentos. Está assustado. Não faz ideia de onde esteja. Levanta-se da cama, pisa no tapete já devidamente estendido à frente e vai até a janela. Vem um clarão que quase lhe cega. Após acostumar-se com a claridade, não acredita no que vê.

Há uma aeronave lá fora. Um grande pasto com uma dúzia de vacas. Júpiter parece beijar o horizonte. Há crianças, todas com cortes de cabelo a la Jonh Lennon, brincando próximas a oliveiras robustas. A porta da aeronave abre-se lentamente para cima. Uma figura bizarra, bípede, meio esverdeada, cabeçuda, anda na direção dos lennonzinhos. Ele se assusta, fechando a janela.

- O que é isso? Onde estou? Tem um monstro lá fora!

A mulher está montando sua cama, uma bela cama de madeira nobre da Amazônia ornada com flores que se abrem e se fecham sem sincronia, com a mesma chave de fenda que desmontou e fez sumir minutos antes a anterior.

- What? Sorry?
- Que lugar é esse? Eu morri?

Ela se aproxima, falando pausadamente seu fluente inglês:

- Now you are in Hollywood! Welcome.



OS CARISMÁTICOS

está para lá e para cá cantando em fervor, entre pregações e louvores, com mãos aos céus, coreografias sapateadas e palminhas para o alto. Chega a perder uns bons quilos cada vez que sobe ao palco. Não gosta de chamar seu tablado de altar, é um palco. Sente-se mais à vontade com o microfone em punho, soltando a voz, de olhos cerrados, na frente da multidão que o espera afoita para a missa. Também não chama de missa o que faz aos domingos pela manhã, diz que é show. Debaixo da batina, a ponta altiva dos tênis esportivos de última geração, confortabilíssimos, aparece para espiar o recinto. A igreja lotada. Diz que não é igreja, é o *Carnegie Hall* do Senhor. Milhares de fiéis acotovelam-se para achar um lugar na casa. Tem ficado assim desde que passou a cantar ao invés de pregar, frequentando programas de TV no mesmo ritmo que posta fotos sem camisa nas redes sociais. Este padre é da hora. Este é o padre da hora.

Ele demora a subir no púlpito. É de praxe entre as estrelas. Não faria diferente. Na sacristia, que jamais permite que a chamem assim, mas em seu camarim, exige sempre dezenas de toalhas brancas, tão brancas quanto as nuvens que sobrevoam o rio Jordão, e as frutas mais frescas que seus subordinados possam dispor nos mercados. Maçãs orgânicas, pitaias e morangos silvestres. Suas preferidas. "Ô padre, cadê você, eu vim aqui só pra te ver...". Ele se arrepia com os gritinhos histéricos que vêm lá do palco. Dá três pulinhos. É a felicidade ungida de bênçãos vindas do céu, diz baixinho. Se o poder divino pode manifestar-se nos homens de boa conduta, ele pensa, é no palco, este tablado sagrado, que vem o dedo de Deus tocar a alma dos poucos escolhidos que terão levas e levas de fãs.

Surge um coroinha que, para adornar melhor na apresentação, está vestido com uma camisa de staff. Serve-lhe um isotônico. Só assim para aguentar o que virá em seguida. Está um forte calor lá fora. Ele devolve empurrando o resto de bebida sobre o peito do jovem, reclama que não está de seu agrado, prefere algo mais gelado. Oferecem-lhe de prontidão um açaí. Dali em diante, ao sair do seu camarim, todos devem ficar de costas para ele. Ninguém pode encará-lo. Leu uma vez que Beyoncé faz isso em suas apresentações. Achou divino. Passou a adotar. Todo mundo enfileirado e de cabeça baixa, sem uma palavra, em silêncio sepulcral. É uma forma de reverenciá-lo. Dos seguranças às crianças que vão ao camarim para tirar fotos. Até o início do show, ninguém mais chega perto. Nesta hora da liturgia já não vê nada a sua volta, está em transe. É quando passa as coreografias em sua mente, quase o momento de subir ao palco e fazer o rebanho delirar ao som do seu pancadão. Ele se benze de frente para sua foto. Não se sabe se é bem para sua foto. É que junto ao seu pôster há um crucifixo e umas imagens sacras, tudo próximo ao altar. Nesta hora o público já o percebe. A euforia é digna de um *popstar*. O clérigo levanta o indicador aos céus, pisa firme com o pé direito e solta a voz. Cai uma chuva de papel picado. Começa a missa. Ou show.

A explosão de adrenalina, misturada a testosteronas, progesteronas e sudoreses em cataclismos ora rítmicos ora assimétricos, de acordo com o levanta e abaixa braços, levanta e abaixa pernas, sacode cintura, rebola os quadris e bate palmas para louvar aos céus, vai extasiando mais e mais aquelas pessoas que permanecem em transe conjunta. É um virar de olhos sem fim. Há quem chore, há quem se ajoelhe, mas a maioria quer mesmo é ficar de pé e de olhos bem abertos para vê-lo por inteiro. O padre pula firme comandando a massa, atento para não despentear a franja que se mantém firme para trás da cabeleira com a graça divina do gel que aplicara momentos antes. Odeia franja sobre a testa. Diz que não fica bem nas fotos. E como agora é fotografado em todos os

ângulos, não pode se dar a este desfrute de franja sobre a testa. Vem percebendo o aumento de pessoas que copiam seu *hair style*. Não é qualquer um que fica bonito nas fotos, criaturas divinas!, ele pensa consigo a cada vez que bate os olhos em grupos que jogam os cabelos para trás como ele, usando gel para enlamear a cabeça.

Sua batina fica encharcada. É suor. São seus feromônios que, misturados aos dos que estão diante dele, promovem uma leve brisa de odor no *Carnegie*. Do palco o padre olha aquele povo todo aderido, unido, compacto, glutinoso numa coisa só, como um organismo vivo, pulsante, e quase se desconcentra. Só consegue dizer "Amém!". É é acompanhado por todos: "Amém!".

O suor brilhante na testa denuncia as quase duas horas que já está para lá e para cá cantando em fervor, entre pregações e louvores, com mãos aos céus, coreografias sapateadas e palminhas para o alto. Há os que permanecem incansáveis todo o tempo segurando cartazes. Tem ainda aqueles que carregam seus livros e CDs para cima e para baixo, missa após missa, na afortunada esperança de conseguir um autógrafo na contracapa. Mas é quase impossível chegar perto do padre. Ao encerrar a apresentação, ele se tranca no camarim. O povo quer bis. Volta o coro que, horas antes, o fez se arrepiar. "Ô padre, cadê você, eu vim aqui só pra te ver...". Dessa vez ele se fatiga. Revira os olhos pela repetição nada inspirada dos que o aguardam paredes à frente.

Come uma maçã enquanto alguém do *staff* lhe massageia os pés. Estão com bolhas. O padre tem um ouvido apuradíssimo. Uma senhora, responsável pela limpeza do camarim, junto às toalhas, das dezenas que pedira, reclama que ele nem chegara a mexer nelas. O religioso para de comer a maçã. Cospe o pedaço que ainda traz na boca. "Quer que eu mexa nas toalhas? Eu mexo nas toalhas!". Levanta, vai até elas e joga tudo de uma só vez no chão. Não gosta de ser contrariado. Um rapazinho magrelo vem correndo para catar tudo, inclusive o pedaço de maçã. A senhora das toalhas não se zanga, mas pede o resto da fruta para ela, já a tirando das mãos do rapaz e a enfiando na bolsa. Uma recordação única, há de se convir. Ele acende um

cigarro. Joga o isqueiro para alguém catar no ar. Vai deixando as cinzas pelo caminho.

Um cordão de isolamento se faz, ainda na saída do camarim para que ele tenha sossego e, no mais elegante terno de corte italiano, siga ao estacionamento. De lá, consegue desvencilhar-se da multidão e pegar seu helicóptero. A turnê não pode parar. Em nome de... Em nome dele. O barulho do motor não é suficiente para abafar os fiéis em um só coro: "Ô padre, cadê você...". Andando apressado ele ainda balbucia: "Esse povo é cego?". E coloca seus óculos escuros, tão europeus quanto o terno, para em seguida sua equipe distribuir fotos já mecanicamente autografadas, disputadas a tapas. Tem gente que se estapeia mesmo.

Sentado na aeronave, o padre puxa do blazer um remédio para enxaqueca. Grito de fãs, pensa alto, tem certeza de que não há nada mais incômodo no purgatório. Deus o livre! Faz sinal para que o piloto levante voo.

Observa de longe toda aquela gente faceira se distanciar. Ainda estão vibrantes. É possível ver, mesmo a certa altura. Vai embora aos céus se perguntando: "Como podem, meu Deus, como podem ser tão carismáticos?". E se benze três vezes.



CONQUISTADOR

Você vai dizer que isso tudo não faz o menor sentido. Eu vou responder que não faz o menor sentido colocar alguém que a gente nem sabe quem é para dentro de casa, abraçar enquanto dorme, sem supor o que é aquele revólver que ficou na sala. Foram das pessoas que não entendiam quem era aquela mulher na minha vida que me afastei nos últimos anos. Não é com rancor que falo isso. Não há rancor para se falar de amor. Eu tô rindo enquanto penso nessa rima. "Não há rancor para se falar de amor". Minha doce doutora ouviria meus clichês com olhos revirados. Esta não é, definitivamente, uma história de amor convencional, portanto me perdoe até se eu tropeçar nas datas, nos fatos e na ordem cronológica.

Passei os últimos dias sem dormir. Troquei os últimos reais que guardava em casa por uma carreira de pó consumida numa só rajada de narina há pouquinho. Isso foi antes de esbarrar em você no bar e... Aqui estamos, um de frente para o outro. Liguei o abajur e estou fumando um de meus últimos cigarros. Preciso, antes de mais nada, te explicar que essa arma não é minha, quer dizer, agora é minha, mas não tenho ideia do que fazer com ela, quer dizer, até sei, eu fiz alguma coisa com ela, não fiz? Você está aqui por causa dela, não é? Eu já estou precipitando os fatos. Vamos então a eles. Aos fatos.

Eu já falei que é uma história de amor, não falei? Mas é uma história de amor pouco convencional, nada convencional, que não se vê todo dia por aí. Preciso reforçar.

Ela me pediu para segurar sua mochila. Não roubei nada. Não fugi com o que não é meu. Ela apareceu ao meu lado e me pediu para que eu fizesse a gentileza de segurar sua mochila. Tinha pele branca, era alta, bem alta, usava jeans. Devia ter uns quarenta e, bem, talvez já quase se aproximasse dos cinquenta. Loira. Pouco importa se era loira. Na verdade, pouco importa se estava de jeans, pouco importa se era alta, se aqueles óculos pendurados na blusa eram só de leitura ou denunciavam sua miopia, se era divorciada ou se nunca se casara e por que será que nunca quis ter filhos. Não tinha anel algum nos dedos. Nem brincos. Também não usava batom. Mas era bela. Seus olhos eram verdes. Pouco importa isso, mais uma vez. Que fosse negra. Que fosse índia. Aliás, que nem fosse alta, porque não reparei se estava de salto. Ela me pediu para segurar sua mochila e eu lhe ofereci meu lugar no ônibus.

Ela apenas sorriu sacudindo a cabeça. Disse qualquer coisa como quem preferisse seguir viagem em pé, vendo o mundo pela janela à sua altura. Peguei a mochila, a coloquei sobre meu colo e repousei minhas mãos levemente sobre ela. Apenas isso. Meu olhar permaneceu o tempo todo entretido na mesma paisagem fugaz que permeava as esquinas barulhentas, enquanto era sacudido pelas freadas bruscas do ônibus. O senhor ao meu lado, tão recolhido e enrugado quanto uma trouxa de roupas retorcida e esquecida sobre a cadeira, parecia cochilar. Sua cabeça quase repousava sobre meu ombro esquerdo. Isso me fazia rir por dentro. O ônibus já fizera toda a semivolta do Aterro do Flamengo, chegando quase ao Centro, quando me preparei para levantar, tentando não despertar o velho repousado de olhos meio cerrados ou já cerrados de fato, e com o queixo dessa vez rente ao peito. Foi aí que me deparei com o sumiço da dona da mochila.

Ela já não estava em pé junto ao meu acento. Ainda olhei para os lados, procurei à frente. Nada. Andei mais um pouco pelo ônibus, à procura de algum rosto conhecido, como se ela de fato fosse minha conhecida, mas não. Eu nem sabia se era loira. Era morena? Eu disse que era alta. Mas isso nunca importou. Nunca tive essa certeza, de fato nunca tive certeza se ela tinha olhos verdes. Prefiro acreditar que ela nem usava maquiagem, que sua beleza chegava pelo olhar. Isso me soa tão... tão... clichê. Bem, o que me restou, claro, foi fazer sinal e descer com

a mochila. A esta altura, desci no ponto seguinte ao que deveria. Tive que andar três quadras até chegar em casa, o que prova minha inocência. Eu não fugi com a bolsa de ninguém. Três quadras com a mochila nas costas! Uma mochila que não era minha e não fazia ideia do que podia conter. Minha curiosidade não cabia no peito. Não cabia na cabeca. E mal cabia nas costas. Minha vontade era, sim, parar no primeiro boteco da Lapa e abrir ali mesmo, perante os bebuns do final de tarde que se aglomeram nas sextas-feiras para verem o Circo Voador pegar fogo. No entanto, fui andando, subindo a rua Mem de Sá entre garçons que vêm vindo para seus trabalhos noturnos e putas que vão chegando a seus afazeres, enquanto caçava a chave da porta pelo bolso para não perder tempo. Apressei o passo. Nem dei bolas para o aviãozinho que me intercedeu pelo caminho oferecendo o pó do final de semana. Só joguei uma nota de cinco reais para ele, como quem dá gorjeta a quem toma conta de seu carpete para fora da casa, e já fui fazendo um "não" com o indicador para que saísse do meu caminho. Estou com pressa, estou com pressa. Trago a curiosidade nas costas. Eu parecia dizer isso. Ou eu disse. O fato, o fato, é que ele me viu entrando em casa com aquela mochila, suspeitíssima mochila. Era uma mochila que chamava a atenção.

O moleque me olhou de cima a baixo, e me seguiu com os olhos. Percebi de relance. A gente sente quando os olhos dos outros fixam âncora. Ele veio até mim enquanto eu tentava achar a chave correta. Hoje não, cai fora. Disse algo do tipo. Ele me perguntou o que eu trazia na mochila. Era uma mochila feminina. De mulher. De donzela? Ainda se usa esse termo? Esse termo é meu, não foi ele quem usou, claro que não. O fato, o fato, é que eu não respondi. Não ia dar trela para um traficantezinho descalço. Apenas o ignorei, cerrando a porta na sua cara suja de dentes separados, cujo cabelo oxigenado era mais espetado que minha vassoura de piaçava. Ele me xingou. Entrei em casa aliviado. Agora éramos só nós dois. Estávamos pela primeira vez a sós. Eu e ela. Apenas nós dois, no silêncio de casa, longe de todos, do barulho, dos olhares e das mãos de curiosos.

Por um momento senti frio na barriga, aquele suor que vem virando a espinha e sobe até quase a altura do pescoço, contra toda a gravidade, quem nunca sentiu isso? Eu senti ali em pé na sala, segurando-a, sozinho. Não havia o que dizer. Olhei-a fixamente tentando imaginar o que poderia encontrar lá dentro. Qualquer coisa que pudesse pensar, qualquer coisa me frustraria. Sou péssimo com adivinhações. Além do mais, parto do princípio de que o que vier é sempre lucro para quem não tem nada. O mais sensato naquele momento era achar uma pista para, então, chegar novamente à dona. Respirei fundo, limpei a testa e fui à mesa. Coloquei-a lá. Mordi o indicador. Não, antes de morder o indicador fui até a cozinha e voltei com o resto de uísque que havia na garrafa. Bebi no gargalo. Depois mordi o indicador. Preciso saber de quem você é. De onde você veio. Ou melhor, preciso saber quem é você. Ela estava desconfiadíssima. Não seria nada fácil. Isso é fato.

Calma, calma... Não foi assim de imediato, não com ela. Eu não faria se ela não quisesse. E ela ainda não demonstrava sinais de que queria. Deixei-a à vontade sobre o sofá. Apaguei a luz da sala e acendi os dois abajures laterais. Ao voltar o rosto para ela... Ao voltar o rosto, eu a vi linda... Estava sentada na beira do sofá, com os joelhos bem juntinhos, as mãos sobre eles, mordendo o lábio de baixo. Não me olhou. Eu a encarei, procurando enxergar tudo que a pouca luz me permitia. Ou não foi nada disso e eu estou criando essa cena agora só para me fazer de cavalheiro... O fato, o fato é que não nos deitamos naquela noite. Ouer dizer, nos deitamos sim, mas não finalizamos nada. Ofereci-lhe um copo de água, permiti que tomasse um banho, lhe dei uma toalha limpa e ela sumiu pelo corredor, ficando no banheiro por longos trinta ou quarenta minutos. Mais até. Ouvi--a cantarolando algo no chuveiro. Parecia mais à vontade. Voltou com a mesma roupa. Perguntei se era um problema para ela dormir na mesma cama que eu. Fui grosseiro, claro que fui. Eu deveria ter lhe oferecido todo o colchão. Eu que dormisse aqui no sofá. Ela me metralhou com uma gargalhada e me beijou em seguida. Seus gestos diziam: "Será apenas isso. Estou morta!".

Concordei. Não foi um dia fácil, imagino. Isso eu respondi. Já parecia que vivíamos juntos há dez anos.

Despertei primeiro, logo cedo, seis e pouco da manhã. Vim à sala. Abri a janela para ver o movimento dos cracudos que se aglomeram perdidos quase sempre rentes à minha vista. Fechei novamente. Ouvi passos de alguém se aproximando às minhas costas. Não falei nada. Peguei-a pela cintura, nos olhamos fixamente. Eu a beijei, aqui, no meio dessa sala. Trepamos sobre a mesa.

Um calhamaço de páginas. Seria um livro para publicar? Muita coisa escrita. Passei o olho. Centenas de páginas encadernadas, tudo digitado, bonitinho. Na folha de rosto a assinatura de Sandra Alves. Tese de doutorado da Universidade Federal da Paraíba. Olha só, temos algo em comum. Minha família é toda de João Pessoa. Ela se chama Sandra. Doutora Sandra. Pesquisa sobre aplicação da linguagem de sinais em escolas bilíngues. Isso se a tese for mesmo dela. Suponho que seja. Sandra estuda sinais porque é assim que se comunica. Suponho que seja. É da Paraíba, mas está em intercâmbio no Rio. Suposições... Há rabiscos, anotações feitas de caneta azul. Não é uma tese final, ainda é algo incompleto. Fui lendo alguns trechos iniciais na caça de vestígios de telefone, email... Não achei. No compartimento maior também havia um biscoito sem glúten. Sandra faz regime! Ou é intolerante a alimentos com glúten. Tomemos nota dessa informação. O pacote de biscoito estava fechado. Havia um estojo com algumas canetas e lápis, além de um frasco de perfume pela metade e um batom vermelho-sangue já bem gasto. Abri o perfume. Que delícia de aroma! O cheiro de alfazema preencheu o ambiente. Do bolso menor, tirei uma camisinha, um frasco de álcool em gel para mãos, um chaveiro com diversas chaves as quais, suponho, deviam ser suas chaves de casa, cinco reais e trinta e cinco centavos em moedas, um fone de ouvido para celular, um bloquinho de anotações totalmente em branco e uma cartela de comprimidos para dor de cabeça. Sandra devia ter enxaqueca nessa fase final do doutorado. Também pudera. Revirei a bolsa mais um pouco à procura de algo

perdido. Caiu um pendrive. Nada mais. Conforme ia tirando os objetos, arrumava-os sobre a mesa como quem quer formar um quebra-cabeça, mas não faz ideia do desenho que está prestes a ver. O fato, o fato é que não era um quebra-cabeça. Aquilo não fazia sentido algum. Ou fazia, mas não me aproximava da dona da mochila. Se isso tem alguma importância a este relato, também tirei de lá uma garrafinha de água, vazia. Dessas garrafas de 350ml que a gente compra em qualquer padaria. Eu ia jogar no lixo, mas resolvi deixar ali. Se fosse devolver, que devolvesse tudo como encontrei. Era o certo. Quanto menos parecesse que eu remexi, melhor.

Sentei na beira da mesa e fiquei por longos minutos mirando aquele quebra-cabeça... Para nada. Peguei a mochila e a joguei longe. Senti que havia ainda algo pesado nela. Não estava por completo vazia. Revirei-a novamente. Oras... O fato, o fato é que havia um fundo falso. Sandra trazia consigo um revólver 38.

Tão elementar. Quem nunca pensou em matar a banca de professores se não conseguisse a aprovação final de sua tese? O que Sandra fazia no ônibus com um revolver eu não podia perguntar. Ela não me diria assim facilmente. E nem eu queria saber. Tá bem, eu estava ainda mais curioso agora, mas... Não sei. Tem momentos que a gente se desvencilha do óbvio e não se sabe explicar. Coloquei tudo de volta na mochila. Menos o revólver, que escondi sob a toalha da mesa.

Vamos tomar café. Deve ter fome. Não falamos mais sobre isso. Você não me pergunta como fiquei sabendo, e finge que não sabe que revirei suas coisas. É um trato. Daqui em diante partimos do princípio que nos conhecemos hoje, nesta mesa, nesta sala. Tudo bem para você? O que foi? Vai ficar me encarando? Já entendi. Seu silêncio consente. Não precisa chorar. Calma. Olha, tô aqui. Você não fez nada de errado. Só fez o que tinha que fazer. Já acabou. Tenho certeza de que logo vai se sentir melhor. Vou tomar um banho. Quer colocar a mesa para o café? É só esquentar o pão na torradeira. Presta atenção no que falei. Não sei de nada, tá bem? Sandra, meu amor, ei... Olha pra mim, isso... Para de bobeira. Só estamos nós aqui. O que foi? Tá com medo? Você tem que parar com essa mania de perseguição, de achar que todo mundo tá falando de você o tempo todo. O mundo não gira em torno dos seus ombros, não. E não me venha falar que só uso frases feitas. Relaxa, sorri para mim, vai... Prometo que tudo vai ficar bem.

O fato, o fato é que eu prometi, ela sorriu, e não falamos mais nada naquele dia nem no dia seguinte, nem nos que o seguiram. Posso dizer que foi por isso que nosso amor perdurou por anos e anos. Aquela casa ficou tão florida quanto cheirosa, um cheiro de alfazema. Meus amigos disseram que me afastei do mundo por causa de Sandra. A verdade é que Sandra era o meu mundo. Bastava que ela estivesse por perto. Levava Sandra para jantar toda quarta. Quando percebia que ela já estava acostumada a sair de casa às quartas, eu a surpreendia com um iantar às quintas. Mudava os hábitos do nada. Fazia passeios de bicicleta pelo Aterro aos domingos de manhã. E de repente mudava para sábado. Fui reformado do Exército quando ainda tinha trinta e seis, em plena atividade, problema nos joelhos. Desde então minha vida resume-se a ir todo dia 30 ao banco tirar meu salário e depois fazer as compras do mês. Sim, tive outras mulheres. Nada que valesse a pena. Todas queriam algo em troca que eu não estava disposto a dar. Era muita função. Com Sandra foi diferente: não me cobrava horários, não me exigia disciplina, não me pedia para parar de beber, não me implorava atenção. Sandra só queria ir comigo para todo canto, fingindo não ver nada do que eu fazia. Assim como eu jamais disse a ela que não esqueci o que trouxe para casa. Éramos cúmplices.

No começo do relacionamento, os amigos de bar brincavam, me zoavam demais. Imagina um homem grisalho, barrigudo, chegando para jogar sinuca com uma mochila de estampa florida azul-turquesa com detalhes em vermelho nas laterais e nas duas alças! Eu não podia deixá-la em casa. Tremia só de pensar em perdê-la, nem que fosse por algumas horas. Sandra entrou na minha vida para nunca mais sair.

Você está ficando maluco. Já pensou em procurar tratamento? Isso não é coisa decente. Sandra te deixou perturbado. Não gostamos dela, ela te faz mal. Joga ela fora. Ela não é normal. Você não é normal. Você é bem-vindo aqui a qualquer hora, ela não. Por que faz isso com você? Sandra não existe!

Cada vez que alguém falava qualquer coisa que agredisse a presença, a honra, a liquidez metafísica da minha companheira, minha vontade era uma só: desaparecer com essa pessoa. Como eu não podia sair matando meio Rio de Janeiro, eu simplesmente deixava de frequentar os mesmos lugares que elas. Por isso, nos últimos tempos, minha diversão era passar os dias vendo televisão, esvaziando garrafas e mais garrafas de vinho barato ao seu lado. Como riamos das coisas mais idiotas.

Sandra, uma estudiosa dos sinais, percebia de longe quando eu não estava bem. O fato, o fato é que eu não gostava de preocupá-la. Jamais usei seus remédios de dor de cabeça. Para todos os efeitos, eu nunca soube que ela sofria de enxaqueca. Ela nunca me disse, então eu nunca soube. Minhas dores eram mais intensas do que dores de cabeça. Eram dores no peito, dores que vinham só de supor que Sandra podia ir embora da mesma forma que veio para minha vida. Essa coisa de amar alguém é sinistro. Você está lá no ônibus, tranquilo, vendo a paisagem, e pimba! Tá apaixonado. Mais dia, menos dia, vira amor. Quem garante que esse amor não some de vez em uma manhã qualquer? Por isso não desgrudei mais de Sandra. E dane-se quem não suportasse sua presença.

Nosso primeiro jantar num restaurante chique foi desconfortável. Nem todo mundo está preparado para encarar um casal apaixonado. Sentamo-nos à mesa, veio o garçom e acendeu a vela. Achei lindo aquele ritual. Sandra também riu. Aí o homem me perguntou se eu estava esperando mais alguém. Disse que não. Perguntou se eu queria que ele guardasse a mochila, já apontando para Sandra na cadeira em frente a mim. Fiquei absorto. Como? As pessoas nunca se dirigiam a Sandra. Perguntei a ela, se aquilo a incomodava, se estava tudo bem. Nada, nunca, ninguém jamais a importunava. Mandei que ele saísse. Escolhemos dois pratos deliciosos. Quando voltou para fazer as anotações, tentava prender o risinho safado, mas seus olhos

denunciavam. Perguntei se o peixe com purê que Sandra pedira continha glúten. Porque ela não come glúten. Ele disse que não. Eu já nem lembro o que pedi. Me irritou profundamente quando questionou: "Trago os dois pratos de uma só vez ou espera sua companhia?". Esperar? Esperar? Só sei que não paguei os dez por cento de gorjeta. Nem pedimos sobremesa. Levamos o resto da garrafa de vinho e fomos tomando pela rua.

O fato, o fato é que ela foi envelhecendo mais rapidamente que eu. Ela ficou abatida. Nunca comentei isso. Nem perdi o interesse nos seus papos. Eu adorava nossos papos de madrugada, nós dois perdidos nos lençóis, ela gesticulando, sempre gesticulando, falava com as mãos como ninguém, e eu rindo de suas teorias doidas. Numa manhã, enquanto se arrumava para sair comigo para um de nossos passeios, pediu que eu ajeitasse o zíper de trás de seu vestido desbotado, que ainda trazia algo azul-turquesa. O zíper já não fechava. Falei que compraria outro vestido, era hora de trocar. Ela se zangou, fechou a cara. Era assim e eu tinha que gostar dela daquele jeito. Arrumei seus cabelos para o lado e lhe beijei. Ela estava certíssima. Não falamos mais do zíper. Ela saiu com o vestido valorizando suas costas.

Andávamos pela rua, já perto dos Arcos da Lapa, quando passou um sujeito e mexeu com Sandra. "Sua mochila está aberta, cuidado hein!" Isso me causou um ciúme doentio. Quando dei por mim, já estava atracado com o rapazola no chão, após aplicar-lhe dois socos, um certeiro no rosto e outro no estômago. Seu sangue jorrava do nariz e chegou a respingar na minha camisa. Mandei que ele corresse ou lhe quebraria as costelas. Ele não sabia por que estava apanhando. Dizia que eu era louco. Talvez eu fosse mesmo o mais louco do mundo, o mais louco por Sandra. E quem não fica louco quando encontra um amor? Me diga... Espero que o nariz quebrado tenha lhe servido para aprender a lição de não mexer com mulher alheia. Que sujeitinho folgado! Só parei de bater por causa de Sandra que, aflita, gritava nas minhas costas, puxando meus ombros para que eu me afastasse e o deixasse ir. Ela, além de tudo, era generosa com

a humanidade. Esse é um dom que pouquíssimas pessoas carregam dentro de si.

Para aliviar do susto, fomos tomar sorvete. Ela amava o sorvete de baunilha do *McDonald's*. Depois fomos caminhar pela Cinelândia, pegamos o bondinho elétrico e fomos até a orla do porto. Caminhamos, caminhamos... Sandra ainda estava inquieta, não gostou da briga de mais cedo. Prometi que não se repetiria. Mas eu sabia, sentia quando algo a incomodava. Não sei, agora é fácil falar isso. Não acredito em premonição. Mas algo estava prestes a acontecer. Não me parecia infeliz. Não, não, longe disso. Eu a tratava como uma princesa. Mas, sim, algo a incomodava. Sentamos num banquinho para ver a Baía da Guanabara. Ficamos em silêncio, sem nos tocar por um breve momento. Meu coração ouvia seu coração, que me ouvia dizer que valia a pena tudo até ali. É um peso? É. Porque amor nós carregamos nas costas.

Ela fechou os olhos. Queria ouvir o barulhinho dos peixes que saltam da água podre em busca de ar puro. Fechei os olhos, também queria ouvir com nitidez. Ficamos assim por minutos, os quais pareceram horas. Acordei com o segurança local chamando minha atenção. Eu estava caído no banco. Ele, um homenzarrão magrelo cuja sombra confundia-se com a do poste, pensara que eu era um mendigo ou coisa parecida. Não podia pernoitar no local. Levei um susto com suas cutucadas. Recuperei-me de imediato. Coloquei as mãos ao meu redor. Sandra sumiu. Meu desespero foi maior do que o dos peixes que continuavam a saltar para um respiro. Eu não sabia onde buscar ar. Meus pulmões se fecharam. Gritei seco. Girei em mim, como se Sandra se escondesse na sombra que a lua fazia. Chorei... Alguém levou Sandra. Sandra se foi.

Bem, eu não me recordo de como parei em casa. Suponho que a hostilidade do momento tenha me empurrado para algum bar. Imagino também que venci todas as lutas travadas com garrafas, bebendo-as. Na época de paraquedista do exército, saía do quartel doido para encher a cara, e fazia isso magistralmente. Hoje, convenhamos, meu fígado pede arrego depois de algumas doses de birita. É fácil eu cair na sarjeta.

Desculpe-me se prolonguei no relato. Você pode, a esta altura, questionar a incoerência sobre minha curiosidade quase bélica que não me fez ir atrás da vida passada de Sandra. Por um momento eu até fui, sim, eu fui. Ela não soube, nunca que eu contaria, não sei qual seria sua reação, mas eu abri sua mochila uma segunda vez. Foi ainda na primeira semana de Sandra aqui em casa. Esperei que dormisse e, ao certificar-me que estava em sono profundo, vim para a sala examinar mais uma vez seus pertences. O que me interessava era o pendrive. Coloquei-o na entrada de USB do laptop. Mas não pense você que doutora Sandra é de deixar facilmente penetrarem em seu território. Pedia uma senha. Não passei dali, nunca passei dali. E não voltei a tentar. Guardei o pendrive no mesmo bolso de onde havia tirado e fui para cama dormir ao seu lado, abraçando-a para lhe dar uma sossegada noite de sono. Nunca mais tentaria saber seus segredos. O fato, o fato é que, de recordação dela, só me restou este revólver. Se ela tivesse deixado o perfume de alfazema, o usaria com a mesma intensidade.

Duvidando até do poder de fogo da arma, segurei-a enquanto abria a porta e chamei o menino aloirado que vez ou outra se escondia nos cantos da minha janela, fugindo das batidas incertas da polícia. Não foi preciso assoviar mais que duas vezes. Ele já estava ali perto. Atirei firme na sua cabeça. A vassoura de piaçava, que eu deixava para fora da casa, caiu morta aos meus pés.

Se eu esqueci Sandra? Não, por favor, não me olhe com esse ar de que já sabe da resposta. A propósito, prefiro que pense que nossa história está começando nesta sala. Pode ser assim? Será nosso trato. Estamos nos conhecendo agora. Vou abrir as cortinas para entrar um sol. Você gosta de sol? Eu adoro sol. Quando te vi, agora há pouco naquele bar no começo da Escadaria Selarón, não resisti e, é verdade, parei, puxei uma mesa e pedi uma cerveja bem gelada, só para ficar ao seu lado. Eu já tinha más intenções, já queria te trazer para casa. Não precisa

ficar assim, com essa timidez toda. Olha, é, como vou falar isso? Não sei, bem, é a primeira vez que, caramba! As palavras estão soltas, não consigo, bem, respira, um, dois, três, é a primeira vez quetragoumapessoacomovocêaquiemcasa. Agora quem está tímido sou eu, tá vendo? Me sentindo como? Um adolescente! Só esperei que você se distraísse do papo animado com seus amigos e resolvi te ter só para mim. Foi atração. Coisa de olho no olho. Bateu, não foi? Senti que foi recíproco. Coisa de química, como dizem os mais novos. Coisa de pele, pode ser. Coisa de barba. Gostei do seu tipo. É, também sou fechado. Você se assustou quando levantei a blusa e mostrei a arma, não foi? Desculpa, me arrisquei fazendo aquilo. Ainda me tremo todo agindo assim. Só que, veja, se não fosse daquele jeito, talvez nem rolasse, talvez não estivéssemos agora nessa intimidade toda. Mas, é, não sei se tem bebida na geladeira. Fica à vontade. Vou ver, já volto. Pode ligar a TV. Aqui o controle remoto... Não sei, o que você gosta de fazer? Ah, ótimo, tenho suco. Vamos brindar nosso primeiro encontro com suco de laranja. Sem álcool. Por acaso tem cigarro? Esse era o meu último... Tudo bem, fico sem fumar. Depois peço para algum moleque da rua arrumar para mim.

O fato, o fato, é que o aroma adocicado de alfazema da casa foi logo substituído pelo cheiro seco, cítrico, amadeirado, forte, tão marcante do couro legítimo de uma carteira. Pode falar o seu nome? Não vai se importar se, bem, se ao menos, na identidade eu der uma olhadinha, não é? Prometo não ver nada além disso... A não ser que você queira. Mário! Prazer, Mário. Ops, te molhei, desculpa. Vou lá pegar um pano na cozinha. Estou meio nervoso. É minha primeira vez com uma carteira masculina.